

SA — LVADO
REM
SU — SPEN
SÃ — O

marcelo terça—nada



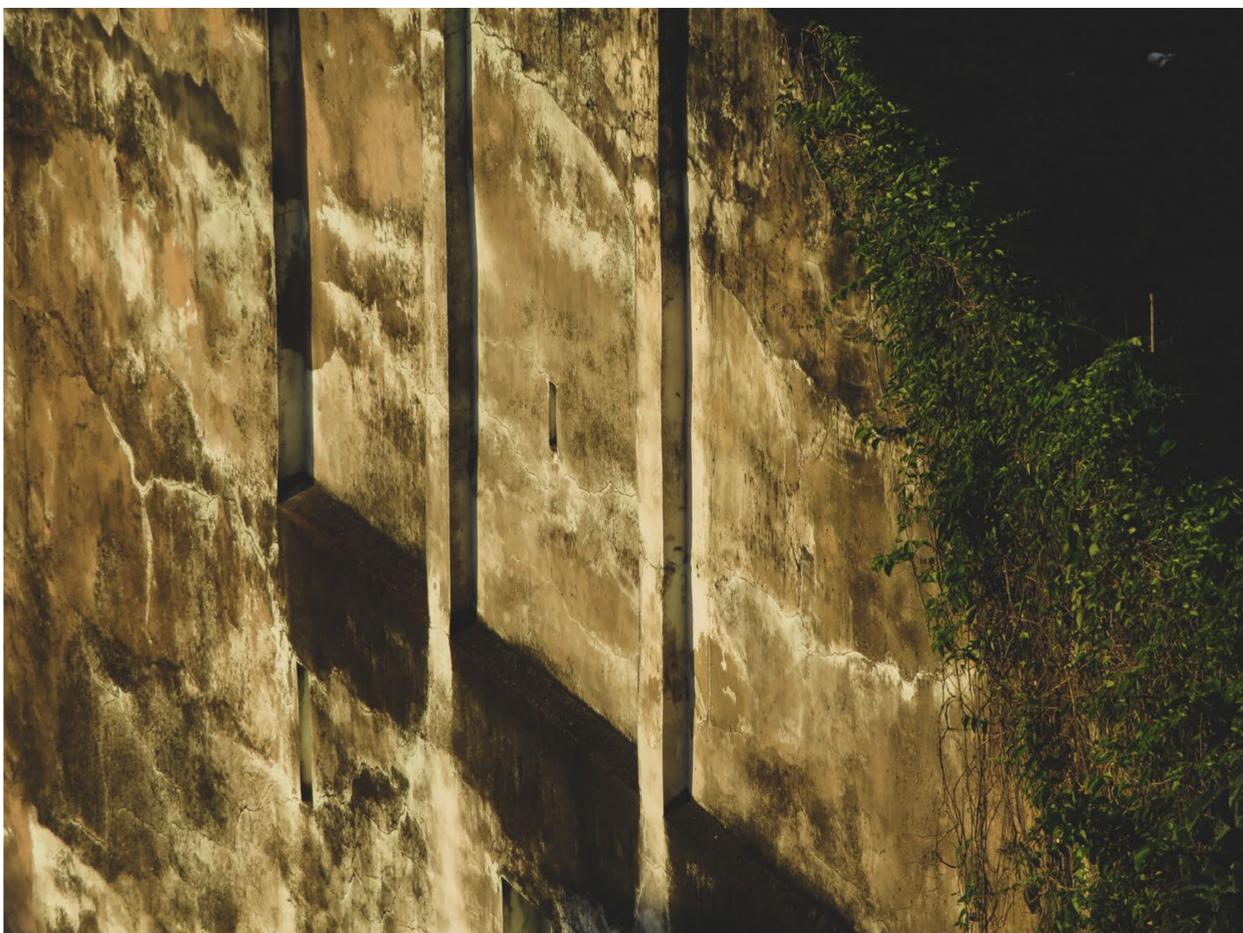












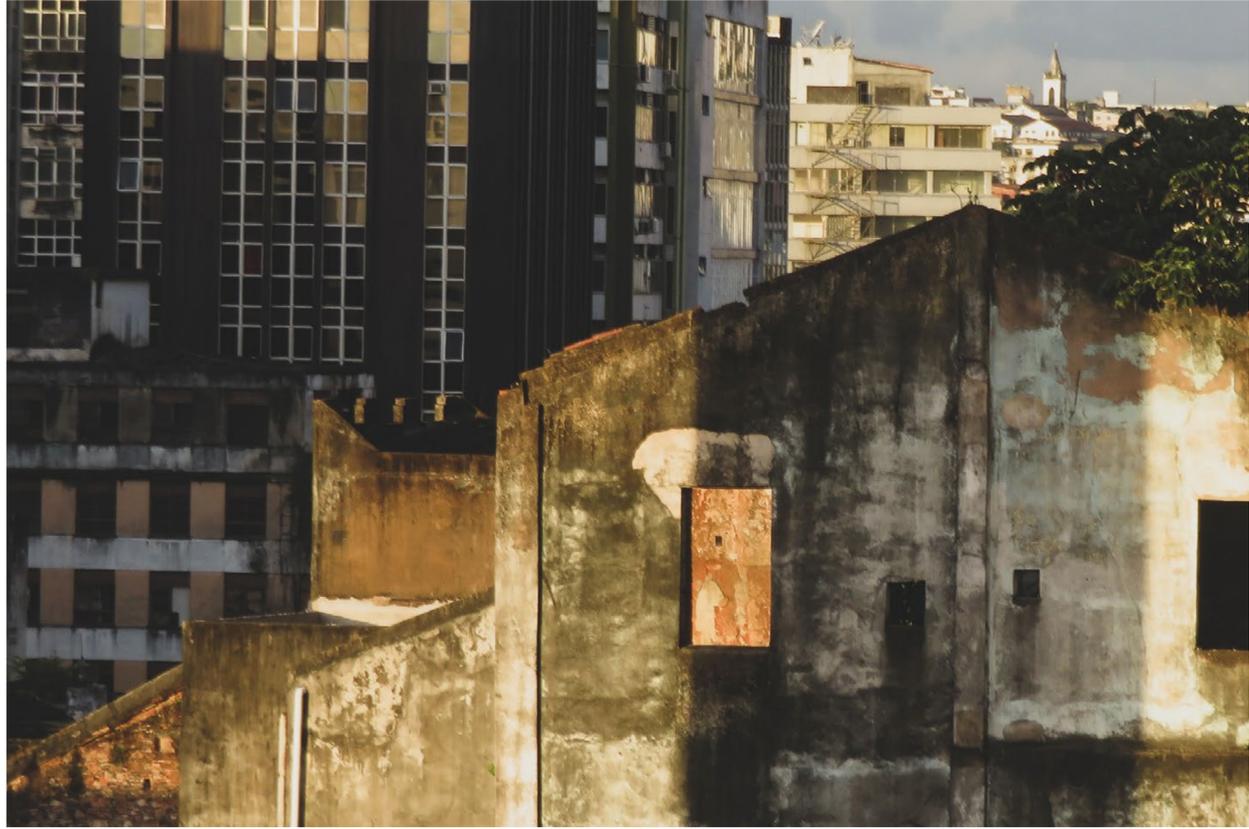










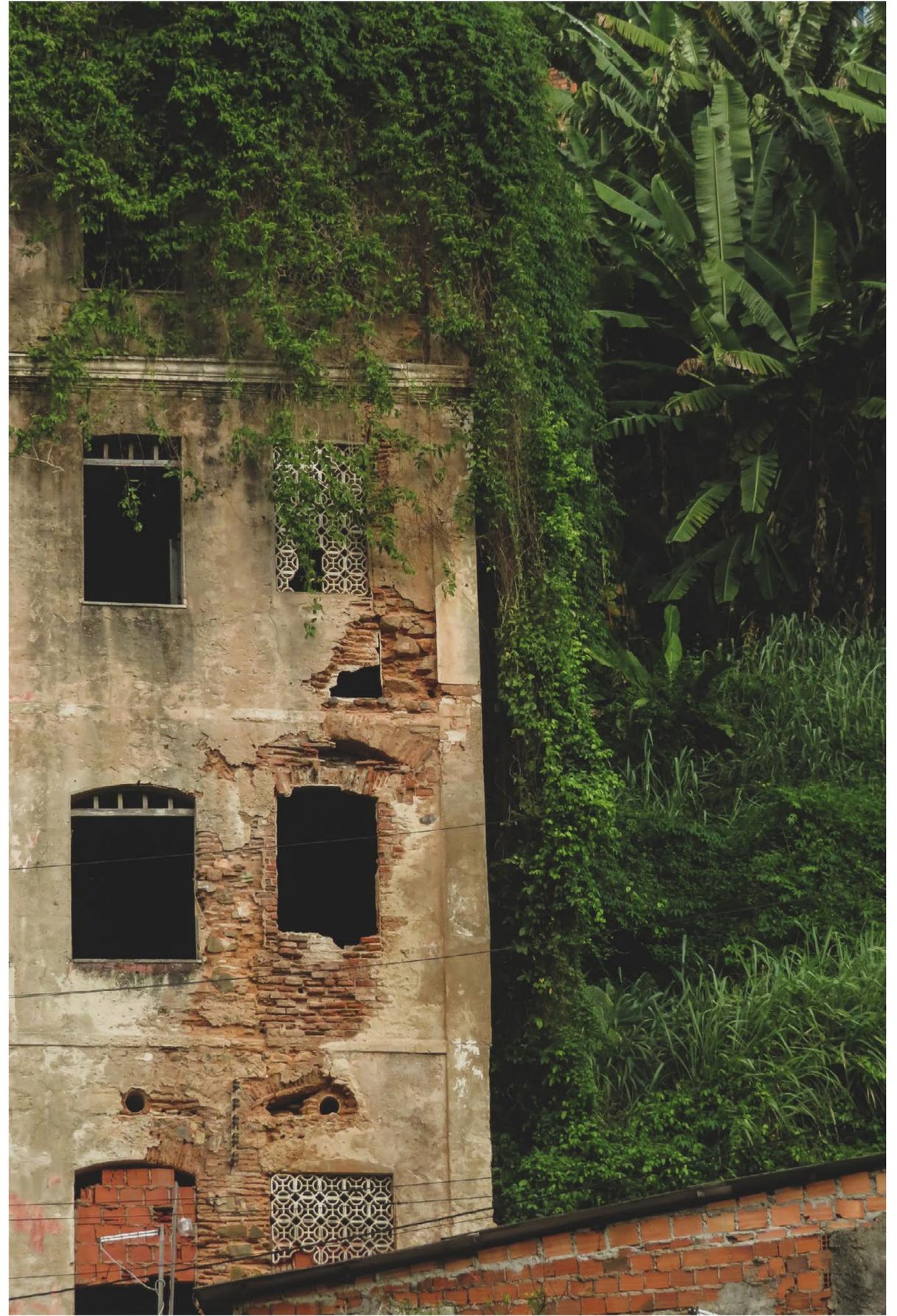




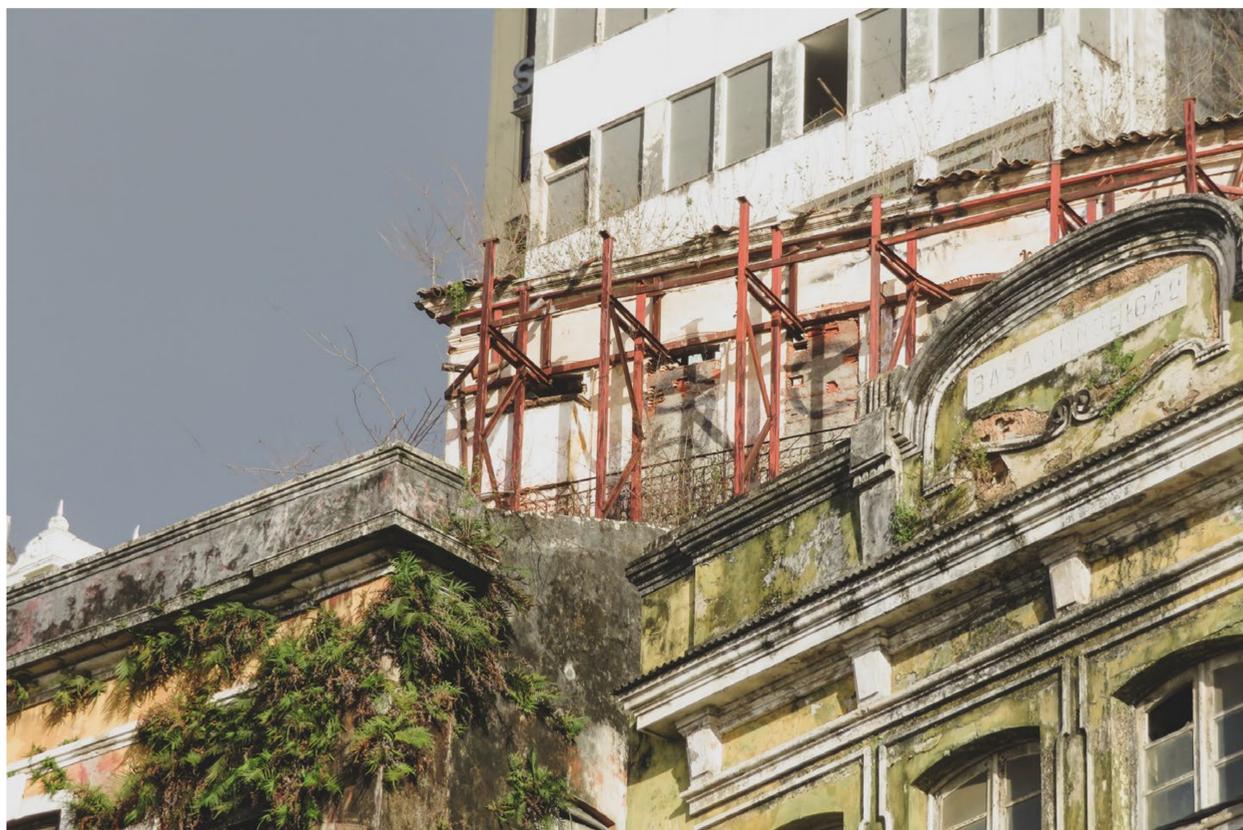


















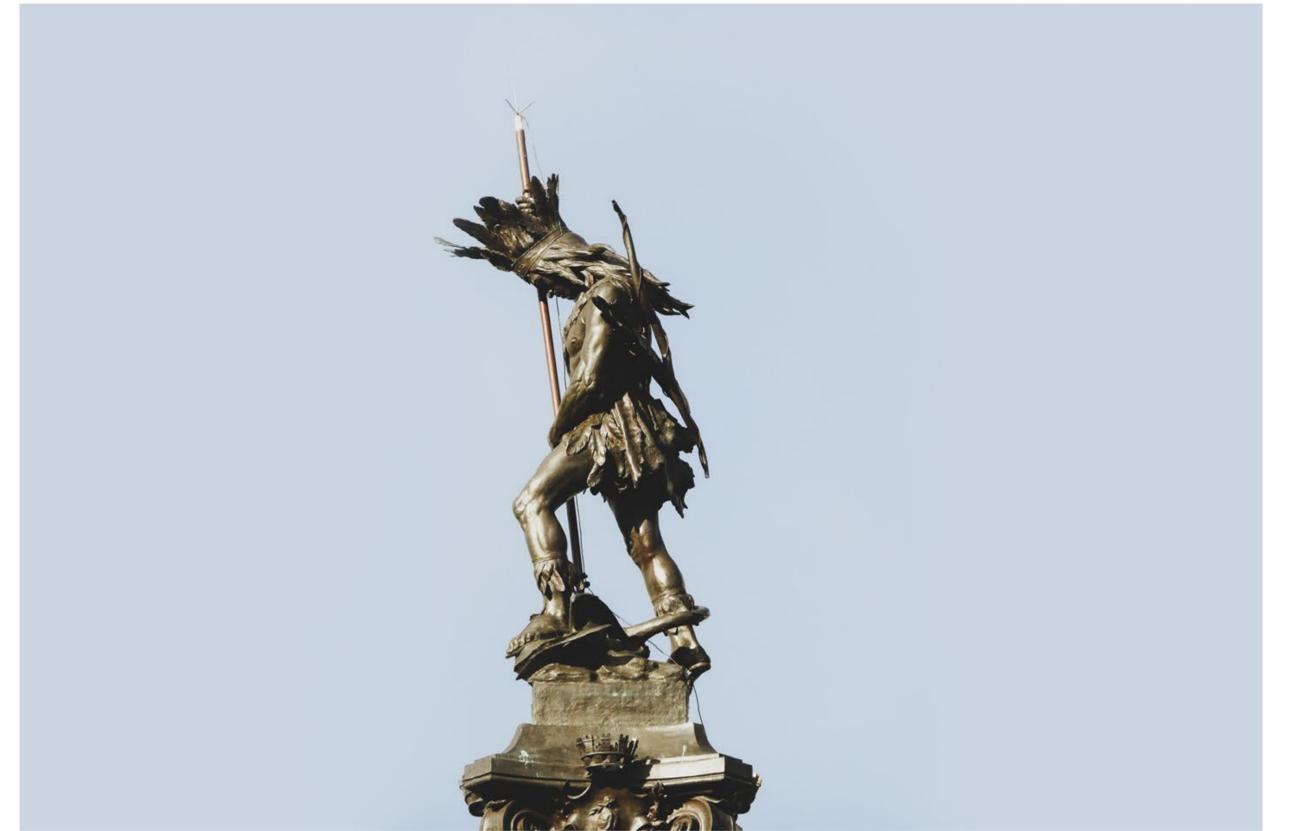
* BARBERIA *

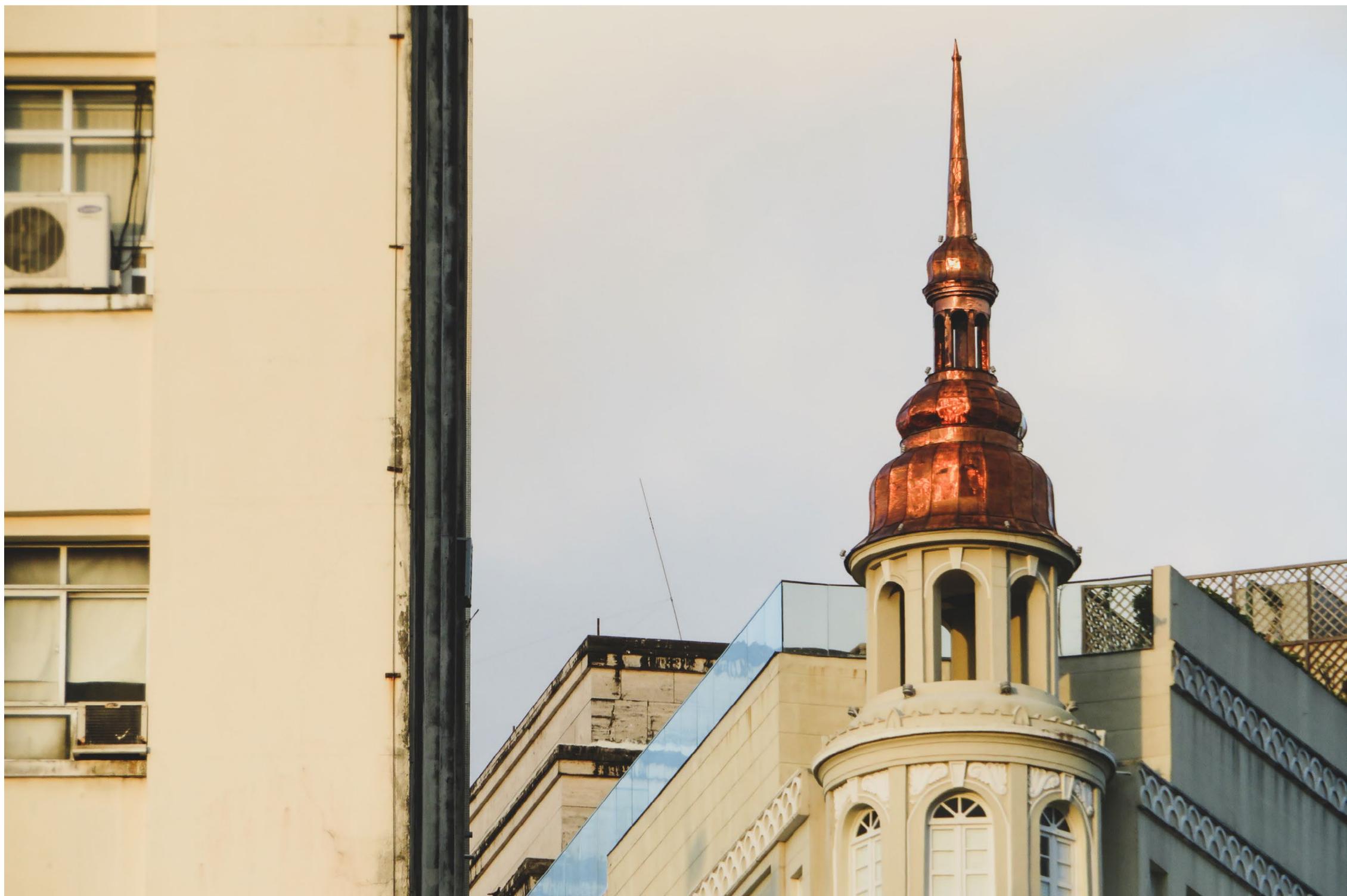
31









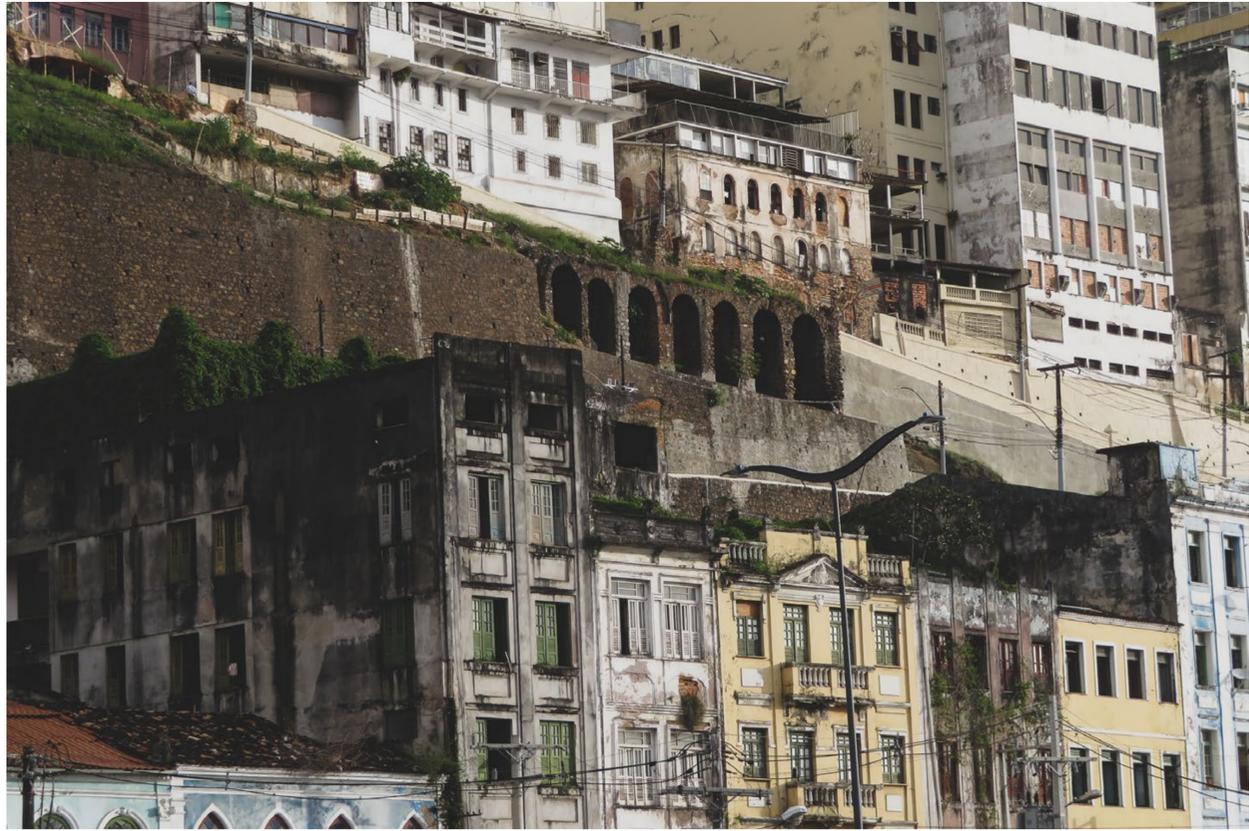
























LACERDA



A CUBANA
SERVICIOS

ENTRADA

A CUBANA
SERVICIOS

PROLIFERAÇÃO E PERSISTÊNCIA



Alejandra Muñoz

Escrevo estas reflexões enquanto dois equipamentos da NASA, o *rover* Perseverance e o pequeno helicóptero robótico Ingenuity, pousam na superfície de Marte. Reparem nos nomes: Perseverance e Ingenuity. Na busca por vida em Marte enquanto aqui, na Terra, *“pra variar, estamos em guerra, você não imagina a loucura, o ser humano tá na maior fissura...”*. Este trabalho de Marcelo Terça-Nada! é publicado ao completar um ano da imposição de isolamento social no Brasil ante a crise sanitária internacional provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A proposta, que se inscreve na esteira de uma série de reflexões e construções artísticas emergentes no contexto da quarentena mundial, também coincide com a missão espacial da NASA, o que permite uma curiosa confrontação de diferentes escalas de vazios e ansiedades.

A missão Mars 2020 foi lançada em 30 de julho de 2020, em plena pandemia de Covid-19, enquanto Marcelo saía de casa esporadicamente para comprar mantimentos como a maioria das pessoas em Salvador e no mundo. Uma das sincronicidades dentre muitas que se podem estabelecer. O tempo das capturas de Marcelo coincidiu com a viagem da cápsula espacial. E o ensaio de Marcelo é publicado agora, quase um ano mais tarde, enquanto os robzinhos da NASA enviam as primeiras imagens de suas trilhas no planeta vermelho. O vazio soteropolitano é assustador. O vazio marciano parece promissor. As engenhocas da alta tecnologia buscam vida em outro planeta, enquanto no nosso, a vida foi abruptamente interrompida por um vírus microscópico e invisível.

O ensaio de Marcelo é perpassado por elementos gráficos que me lembram os discos de ouro da Voyager, enviados ao espaço nos anos 1970 com saudações em diferentes línguas e alguns sons da Terra. A cápsula do tempo de Marcelo começa com o “Museu de Arte da Bahia” nas sombras, sob um farol sem luz. Um grafite ainda respira “MOA”. Depois, “Lagoa Mirim”, naquele arremedo de tipografia *art-deco* em bronze. Outro grafite agoniza ilegível na cortina metálica abaixada. Um pequeno óculo ostenta um monograma de ferro, resquício de uma época em que as grades não eram apenas elementos de proteção. Mais adiante, lê-se “barbearia”, ao fundo. “Taxi” na transversal dos austeros adoquins e “Fotocolor” sob elaborados guardacorpos. Pouco depois, o “CEA” ainda domina o alto da esquina defronte do SULACAP. Uma pichação se espraia pela lateral cega da Ajuda, seguida do “Lava Jato Firmesa” de um pintor popular. “Lacerda” arremata o texto oculto.

A sequência de imagens pode ser dividida em quatro suítes. A primeira dúzia de fotos é um *allegro* verde, marcado pela exuberância da vegetação espontânea, sobretudo coberturas de ipomeias, musgos e hepáticas

tomando conta de várias construções. No início, uma escultura de inspiração clássica faz um contraponto ao cenário de árvores da praça. O casarão do museu é banhado de sombras ameaçadoras que desfiguram os predicados do monumento. Muro. Telhado. Muro. Empena. A dignidade de uma embaúba, essa pioneira da Mata Atlântica dizimada, irrompe leve entre as construções.

Me lembrei de um artigo de David Harvey que, em março de 2020, fez uma análise dos primeiros efeitos da pandemia no modelo neoliberal atual. Constatava que, dentre as consequências de tal modelo, resultou a profunda precarização dos sistemas de saúde e o despreparo total para enfrentar a atual crise sanitária: “*se eu quisesse ser antropomórfico e metafórico sobre isso, concluiria que a COVID-19 é a vingança da natureza por mais de quarenta anos de maus-tratos e abuso nas mãos de um extrativismo neoliberal violento e não regulamentado*”. A primeira parte do ensaio de Marcelo bem pode ser um corolário visual disso.

Na segunda sequência de capturas, prevalecem janelas, esses elementos da arquitetura que veem e são vistos. Um grafite é engolido pelo verde. Uma vetusta fachada ainda ocre vibra no roxo das *Rhoeos* que se equilibram entre as cornijas. Um grupo de esculturas evoca uma dança, embora toda e qualquer música pareça ter uma inflexão de réquiem. Outra fachada ocre, agora flamante, se destaca naquele casario amontoado tão típico do centro de Salvador. Então, a onipresença do verde começa a aparecer domesticada nas entrelinhas de uma paleta industrializada.

Um *adágio* de azuis atravessa como *leitmotiv* as dez imagens seguintes. Céus, toldos, tapumes, portas, até a tela que cobre aquele exoesqueleto de uma ruína. Os diferentes azuis são esgarçados pelo vermelho que ecoa o burburinho fantasma de um corredor e, depois, pelo arremate da cupuleta de cobre reluzente de um hotel de luxo.

Comparado à opulência das trepadeiras e herbáceas do início, o epílogo do ensaio compreende imagens de uma natureza quase desaparecida. Na inércia da imobilidade, dois cachorros mansos irrompem no punhado de imagens. O verde no casario ficou pálido e artificial. Uma raiz fossilizada marca um canto entre a cegueira de vãos anulados com tijolos e o olhar vidrado e limpo de uma esquadria de guilhotina. Uma grade parece engolidada por um muro. Daquela exuberância de vegetação espontânea inicial restou a chance de uma natureza domesticada: palmáceas no jardim artificial e uma fileira de oitizeiros urbanos invadidos por barba de velho.

Os nomes dos aparelhos da NASA carregam certa ironia sobre o momento que estamos vivendo. Mas, quanto de vida podemos enxergar nas fotos dessa Salvador interrompida no momento em que chegam as imagens da desértica cratera de Jezero? Perseverança e ingenuidade na busca por vida na superfície marciana. Segundo os cientistas, o lugar parece ter sido uma lagoa. Curiosamente, nas fotografias de Marcelo há menos perseverança e mais proliferação, sem ingenuidade e com persistência sobre o silêncio e o vazio que tomou conta da cidade. O ensaio exala vida nas entrelinhas da espessura das ruínas, alternância de fechamentos e repertório de vãos e janelas.

A sequência se conclui com o elevador Lacerda, ícone que assinala a singular paisagem soteropolitana, fechado. Sinto um soco no estômago. Os dois planos naturais da falha geológica, cidade baixa e cidade alta, simbolicamente são anulados pela interrupção da dinâmica vertical que os conecta. Mas, olho de novo e, depois de uma sucessão de capturas sem horizonte, na última imagem, um sopro de esperança: pelas laterais se vê o mar ao fundo. Nosso olhar pode almejar ir mais longe.

SOTEROPOLITANAS

bombardeios, anamorfoses
e surtos heterológicos



Washington Drummond

abandono que transforma a paisagem em ruínas.
M. Davis

1. Salvador sempre me pareceu uma cidade bombardeada. Com tanto esmero que passei a imaginar que a sua forma estava diretamente submetida a essa espécie de urbanismo meticuloso, exercido pelas autoridades que a geriram. A destruição organizada, burocrática — municipal e estadual — que “transforma a paisagem em ruínas”. Quando vi pela primeira vez as imagens fotográficas de Marcelo Terça-Nada, fui tomado de novo por essa ideia de uma cidade bombardeada. Produzidas entre maio e novembro de 2020, revelam uma cidade vazia, abandonada, agora sob o

estado de sítio viral, quando uma pandemia fez com que nos recolhêssemos, deixando ruas e praças desérticas. Nesse sentido, considero que o conjunto das imagens resulta do esforço de um correspondente fotográfico de guerra. Sob o bombardeio viral e extraordinário, as imagens se aproximam, desvelam ao olhar os surtos heterológicos, antes secretos e invisíveis aos que só se atêm aos imperativos do novo e da perfeição técnica. À violência cotidiana das intervenções e abandonos sucessivos soma-se a invasão, ainda mais agressiva e violenta, do vírus, deixando visíveis as forças heterológicas que, em silêncio, habitam a cidade. Se, numa primeira visada, percebi que sem os transeuntes as ruas, prédios e praças despontavam como um imenso não, sem nenhum sentido; por outro lado, me assombrei com uma poderosa paisagem inumana. O que mais me impressionava era, além da quantidade de ruínas, a imensa vegetação que se movimentava, vária e múltipla sobre tudo. Concordo com o Marcelo Terça-Nada quando me diz que “o estado da cidade nas fotos vem de suspensões acumuladas há décadas que se acentuam (ou ficaram mais visíveis) na pandemia”. Afirmando ainda: “nas fotos me vem a ideia de tempo dilatado, duração, transformação matéria [...] vejo nas imagens lugares em suspensão, em potência e se transformando [...] como se as imagens dissessem do que permanece, trazendo outros tempos à tona, lembrando que a cidade é mais do que percebemos no dia a dia”. Ao ouvi-lo concomitante à observação das suas fotografias, adentro um tempo sem memória que se adensa com e sobre o tempo dos homens. Como uma outra membrana heterológica. O avanço do irregular se manifesta nas heras e embaúbas que, ao buscarem a luz, fazem-se visíveis por sobre os muros. Trepadeiras se espraiam cobrindo com um verde implacável tintas já desbotadas pelo sol. A arquitetura em ruínas do centro histórico, antes aparentemente tão sólida, deixa-se rasgar e cobrir-se com uma tessitura viva.

2.

Se já não há mais o imperativo humano, então um excesso sem-fins de uma matéria orgânica outra, anamórfica, que embaralha a percepção, multiplica as perspectivas e deforma o que se quer transparente, visível em plena harmonia naturalizada. Feixe de deslocamentos, não para se ver melhor, mas simplesmente para ver o que ameaça o já visto. Desacreditando a realidade através de associações insólitas, a miragem anamórfica localiza, no campo liso da cidade, manchas produzidas por traços retorcidos, sobreposições, ranhuras. Nada muito claro e fixo, mas confusional, surgido de uma espécie de economia dos resíduos em excesso — por vezes abjetos — que se mixam, se rompem, se esgarçam.

Trata-se da emergência do insólito e das formas singulares, irregulares e excremenciais. Algo aí entra em jogo. A emergência de surtos entrópicos, excessivos e disruptivos, na intrincada rede das práticas urbanas, provocam fendas, estriamentos, secreções nas intervenções disciplinarizadoras que intentam normatizar a vida urbana. À cidade projetada pelo urbanismo disciplinar insurge-se, através de uma miríade de práticas intensivas e sem nome, a disforme mancha anamórfica dos “ninguéns” e “nenhuns”.

3.

Não se sabe nunca o que é uma cidade. Para nós que só temos ruas, andanças, calçadas, afetos e lembranças, a cidade é uma abstração longínqua — de uso exclusivo dos urbanistas. Aqui, o termo se referiu a um pequeno sítio que percorro incessantemente com amigos, quando, com algum álibi que não necessariamente se sustenta — comprar uma corda de violão, ir ao banco, visitar um outro amigo — exercemos o prazer muscular e voyeurístico de desfrutar de uma franja amorosa do centro histórico.

S.

Se hoje estou mais isolado que distante, não esqueço que te percorri tantas vezes tateando pequenos prazeres recônditos que, na violência do amante desconfiado, quis arrancar.

De suas dobras, crostas, orifícios fiz uma fuga diária.

Fui servo fiel e incógnito todos esses anos, me perdi em suas rotas secretas e sonhos tácitos que outros — como eu! — sonharam em suas entranhas.

Deslizei por suas curvas, me arrastei aos pontos mais longínquos, deitei em sua orla, rolei em suas ondas escuras. Aí, adentrei em seus desconhecidos.

A algaravia insubmissa de suas vozes me arrebatou na pletora de timbres, do gozo ao horror.

Devassei, impudico, suas estórias, recontei sua história. Delirei suas ficções.

Desdenhei, por te conhecer a alma, a maior delas: a de cidade acolhedora e gozosa (os poetas me alertaram que antes eras definida em dois ff, “furtar e foder”; agora em dois tt, “tráfico e tráfego”; de Gregório de Matos a Raimar Rasteli).

Mas nem isso. Salvador — cidade miserável e cruel — me impede de desejar, em plena quarentena, ardentemente trilhá-la e roçar meus pés em sua pele agreste e anônima.

Então, nem sociologia, nem arte, mas o grau zero de tudo. Citando o poeta José Luis Franco, reafirmo a sua palavra de desordem: “amnésia pra tudo isso” que se inscreve no útil e servil, no explicativo e dócil, no didático e remoso. Nos discursos dos “mestres”... José Luis Franco — com quem, desde muito cedo, eu amava “perder tempo”; andando anonimamente e sem rumo até a exaustão pelas ruas soteropolitanas — escreveu, num tom ácido, o poema:

amnésia pra tudo isso

bric-a-brac
collage
parodia
pastiche

amnésia pra tudo isso

Compagnon
Deleuze
Eagleton
Barthes
Foucault

amnésia pra tudo isso

Kitsch
Cult
Estética do “ó”
Semiótica
Pré-pós
A favor-e-contra

amnésia pra tudo isso

identidade
hibrido
alteridade
gênero
esquizo

amnésia pra tudo isso

Escrever sobre uma cidade é besteira,
comparado com a experiência de andar nela.

UM TERÇO DE NADA

para Salvador em suspensão

Lucia Castello Branco



É pela terceira via que entro neste livro de imagens de Marcelo Terça-Nada. São imagens estranhas e familiares para uma carioca que se amineirou e que se entregou à Bahia e aos baianos como se sempre tivesse vivido ali. É, então, com um olhar duplamente estrangeiro que revejo uma paisagem que me foi abruptamente roubada, no dia 17 de março de 2020, quando deixei Salvador como se nunca mais fosse voltar.

Marcelo me mostra suas fotos antes mesmo da primeira seleção de imagens para um livro por vir. Um dia me disse que tudo começara com uma leitura para árvores, que eu havia proposto como exercício para o segundo e último dia de aula de uma disciplina-oficina de doutorado da UFBA, com 60 alunos que nunca mais estariam lado a lado. “Mulheres em trânsito” — chamava-se o nosso encontro. E, subitamente, ficamos todos paralisados por uma epidemia que nos impediu de continuar em movência.

Mesmo assim, Marcelo saiu em sua bicicleta para ver as ruas vazias. O primeiro olhar, parece-me, dirigiu-se aos monumentos de uma cidade deserta: Salvador em suspensão. “Grandes são os desertos, e tudo é deserto.” O monumento, sua grandeza, sua solidão. E as ruínas. E as janelas. E as fachadas de casas ausentes. E árvores que foram brotar de casas em ruínas, como uma flor pode nascer de um monturo.

Para ver, rever ou mesmo desver as imagens de Marcelo, fui pedir ajuda a um amigo baiano que conhece os recantos da cidade como poucos. Márcio Gomes e seu olhar histórico-poético me fizeram reconhecer lugares que já vi, outros que nunca vi, mas que aprendi a amar como se a cidade fosse minha, durante os dez anos em que meu coração aportou ali, na Baía de Todos os Santos, originalmente denominada Kirimurê (grande mar interior) pelos tupinambás que ali viviam, antes da chegada dos portugueses.

Sigamos, então, por essa Bahia tão bem captada pela sensibilidade do nada de Marcelo. Rua que liga o Forte de São Pedro à Av. Contorno. Rua Gamboa de Cima. Passeio Público, atrás do Palácio da Aclamação. Avenida 7: entrada do jardim em frente ao Palácio da Aclamação. Campo Grande: Monumento à Independência da Bahia. Janelas do Palácio da Aclamação (residência do governador), vistas do Passeio Público. Monumento ao Caboclo, em frente ao Forte de São Pedro. Muro pichado não identificado. Árvore de localização não identificada. *Jet d'eau* e barco no Dique do Tororó. Orixás do artista plástico Tati Moreno, no Dique do Tororó. Árvore na margem do Dique do Tororó. Escultura do Mestre Didi, no Largo de Santana, Rio Vermelho. Ruínas de casarão vistas da Avenida Contorno. Muro de contenção na Avenida Contorno. Mercado de São Miguel no Comércio. Estátua de Zumbi no Belvedere da Sé. Praça Municipal: Sorveteria Cubana, ao lado do Elevador Lacerda. Local onde ficava um monumento de fibra de

vidro de autoria de Mário Cravo, que desapareceu em um incêndio criminoso. Lateral do Fórum Rui Barbosa no Campo da Pólvora. Obra sem referência. Pássaro em pedra entre o Porto da Barra e o late Clube. Praça em frente ao Morro do Cristo, na Barra. Casarão ao lado do Viaduto da Gamboa. Árvore frondosa no Passeio Público. Rua não identificada. Jardins do Passeio Público. Lâmpião em casario no centro histórico. Ladeira da Montanha. Ladeira do Pau da Bandeira, com Elevador Lacerda ao fundo. Avenida Contorno: casarão em ruínas. Calçada ao lado da Igreja do Carmo. Rua de Santo Antônio Além do Carmo. Torre da TV Itapoã. Museu do Carnaval, ao lado do plano inclinado, na Praça da Sé. Prédios da rua Chile. Conceição da Praia: primeira igreja de Salvador, desmontada em Portugal e trazida para Salvador para ser remontada pedra por pedra. Casa dos Azulejos na Praça Cairu, no Bairro do Comércio. Prédio em recuperação na Praça Cairu. Entrada para o Elevador Lacerda, na praça Municipal. Museu de Arte da Bahia, no Corredor da Vitória. Casa ao lado do Viaduto da Gamboa, ao lado do Palácio da Aclamação. Hotel Fera, antigo Palace Hotel, na rua Chile, famoso na década de 1960 por hospedar políticos ilustres e times de futebol do sul (Santos de Pelé, Botafogo de Garrincha, Cruzeiro de Tostão etc...). Edifícios na rua Chile. Palácio Rio Branco (serviu para despachos do Governador), na Praça Municipal. Praça do Terreiro de Jesus, onde se inicia o Pelourinho. Edifício Oceania, no Farol da Barra. Praça Castro Alves, com o Cine Glauber Rocha ao fundo e Hotel Fasano, antigo prédio do jornal ATARDE. Antigo prédio da Farmácia Chile, esquina da Praça Municipal. Gabinete Português de Leitura, na Praça da Piedade. Busto de Camões no Gabinete Português de Leitura. Paredão de casarão abandonado. Associação Baiana de Imprensa, no Viaduto da Sé. Igreja de São Judas Tadeu, onde ainda existe o púlpito em que o padre Antônio Vieira fez um dos seus sermões. Antiga Faculdade de Medicina (a primeira do Brasil), situada no

Terreiro de Jesus. Prédio antigo utilizado pela COELBA, na praça da Sé, ao lado do Plano Inclinado. Edifício onde funcionou a Assembleia Legislativa, no Viaduto da Sé. Mural de Caribé no Edifício Bráulio Xavier, esquina da Rua Chile, vindo da Praça Castro Alves. Casa antiga em uma das esquinas do Largo de Santo Antônio Além do Carmo. Plano Inclinado Gonçalves, que liga a Cidade Alta à Cidade Baixa. Convento do Carmo, onde o invasor holandês de 1624 assinou a rendição em 1625, desocupando Salvador e retornando para a Holanda. Rua do Pau da Bandeira, que liga a rua Chile à Ladeira da Montanha. Campo Grande: Monumento ao Caboclo pela independência da Bahia. Vista da Avenida Contorno.

Com quantos nomes se faz uma cidade? Quais são os nomes capazes de escrever uma paisagem? Nenhuma palavra ali, para as imagens fotografadas por Marcelo, me diz do mar. E, no entanto, o mar está por toda a parte. Sinto seu cheiro, enquanto pronuncio esses nomes. Baía de Todos os Santos: grande mar interior. Memórias do mar: as ondas mansas batem na murada do Largo de Santana, no Rio Vermelho. Os barcos ainda estão ali, mas os pescadores, não. Santana, a que ensinou Maria a ler, ao lado de Yemanjá, a Rainha do Mar.

“Como deixam um menino que é do mato amar o mar com tamanha violência?” — quase pergunto a Marcelo, usando as palavras de Manoel de Barros. O mar que está em Marcelo não precisa aparecer nas imagens de uma cidade deserta: é o mar de dentro, o mar de dentro do nome o que talvez o tenha trazido até a cidade, em sua bicicleta amarela.

Não vi a cor da bicicleta de Marcelo. Mas dou-lhe uma cor em que o mar também está, no centro da palavra que me diz que é preciso amá-la, a cidade, mesmo quando ela dorme, sobretudo quando ela dorme, em suspensão. Amar ela. A casa amarela, em cima da Avenida Centenário e da Avenida Miguel Calmon, no Bairro Garcia, não é a mesma casa amarela

da Ladeira da Preguiça de onde se vê panoramicamente o mar. Esta Marcelo não fotografou. Porque Marcelo não procura o grande, tampouco o evidente, mas o que resta do desaparecimento de uma cidade quando ela dorme, em suspensão. As ruínas. “Uma ruína para a palavra amor”.

Pergunto a Marcelo Terça-Nada de onde vem esse seu nome tão poético. Penso na terça-feira como um dia vazio, em que se possa fazer nada. Marcelo me diz que escolheu esse nome, que antes era Marcelo Nada, em homenagem a Fernando Pessoa. As duas primeiras estrofes de “Tabacaria” chegam imediatamente para acompanhar a paisagem vazia da Bahia, como um dia acompanharam Pessoa e a paisagem de Lisboa:

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Mas Marcelo, que parece preferir ainda o mais pequeno, me mostra menos que nada na cidade de São Salvador, Bahia. A cidade dentro da cidade. A cidade em abismo. Mostra-me o lava a jato do Brasil, pintado numa parede anônima, evocando a firmeza de um gesto. Mostra-me o caboclo, numa perspectiva do chão para o céu, e prédios em reforma, na perspectiva do céu para o chão. Mostra-me árvores incrustadas em casas e lembra-me que as paisagens de Havana e de Salvador são irmãs.

Mostra-me casas incrustadas em árvores e traz-me de volta a cidade de Lisboa. Traz-me de volta Fernando Pessoa — “metade de nada” — e Cesário Verde, de uma só vez: “Triste cidade, eu temo que me avives uma paixão defunta”

Marcelo é Terça-Nada. Supostamente, 1/3 de nada. Um terço de nada: o rosário. O rosário é tradicionalmente dividido em três partes iguais, com cinquenta contas cada, e estas, por corresponderem à terça parte, foram chamadas de terço. Cada terço compreende um conjunto especial de três Mistérios: os Mistérios Gozosos, os Mistérios Dolorosos e os Mistérios Gloriosos.

Estaremos, em tempos de Covid-19, a viver os Mistérios Dolorosos? Não vejo gozo nem glória nas imagens de Marcelo. Apenas a bruta flor do amor, aquela que nasce sobre um monturo. Amar a cidade que nos salva do doloroso mistério. Amar a cidade em que cada canto tem uma história, cada história tem uma falha, cada falha tem uma migalha de memória com cheiro do mar. E o marulho. A bicicleta amarela de Marcelo é suavemente musical, atravessa a cidade como uma harpa eólica. É o vento que toca a bicicleta.

Os poetas, como escreveu Celan, são aqueles que andam de ponta cabeça e têm o céu como abismo. Estou em abismo de céu, enquanto rejeito, comovida por uma bicicleta eólica, as imagens de Marcelo Terça-Nada. O seu poeta Fernando Pessoa amou, mais que o nada, a metade de nada. O meu poeta Manoel de Barros amou o seu poeta Fernando Pessoa e a estrada que vai dar em nada.

“Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo. Esta em que ando nela agora é por abandono”, escreveu Manoel. “Nem cachorro passa mais por nós”. Escuto a voz do poeta no fundo da paisagem de Marcelo, onde pressinto o mar. E ele continua: “Eu queria

construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Queria fazer alguma coisa ao jeito de tapera.” Enquanto isso, lá da Cidade Alta, o ciclista me lembra, com seu Pessoa Ninguém, que “embaixo/a vida, metade de nada/morre”.

Mesmo assim, Marcelo me convida a fazer o passeio em outra direção. Um terço de nada. Sigo com ele pela terceira via, terceira margem. Vamos para a canoa. Mar adentro, mar acima. De lá, tendo o mar como céu e o céu como abismo, vamos amá-la, a cidade. E juntos, em solidão compartilhada com os amigos Márcio Gomes e um pequeno bando, ao pé de árvores que nascem também nas águas, talvez possamos construir, com a licença poética de Rosa, Pessoa e Manoel, uma ruína para a palavra amor. A todos os amigos de Kirimurê agradeço pelo nada que me oferecem. E, na canoa que atravessou a noite, com eles sigo ao lado do baiano Caetano, rumo ao “avarandado do amanhecer”.

DIALOGAR COM IMAGENS

fragmentos de uma
cidade em quarentena

Marcelo Terça-Nada
Lia Krucken



1.

Nas primeiras saídas, me deparei com uma cidade silenciosa, com praticamente ninguém circulando e quase nenhum carro nas ruas. Estar no espaço público gerava um certo desconforto. Cada vez que saía de casa, tinha a sensação de presenciar uma cidade rara. Ao longo das semanas, comecei a pensar quais imagens só existiriam na quarentena, ou quais imagens poderiam guardar a memória daquele período. Me deparava com imagens oníricas de uma paisagem urbana que, acostumada à numerosa presença de pessoas, estando muito vazia, parecia um sonho, um filme de alguma outra época ou uma cena de conto fantástico.

Vejo as imagens se apresentarem, uma após a outra.
Leio, assim, imagem: matéria dos sonhos, resto e memória. Lugar que passa por tudo.

Somente comecei a fotografar alguns meses depois do início da quarentena e desse processo de percorrer a cidade a cada 15 dias. Entre uma saída e outra, longos períodos em casa, onde foi possível mergulhar nas imagens, revisitando-as e descobrindo outras camadas do que a suspensão da cidade revelaria. Suspensão potencializada pelo silêncio daquele período e pela profunda temporalidade de Salvador. A cada mergulho fazendo, revendo ou editando as fotos, experimentava o vazio e o que nele se apresentava, alguns elementos vinham à tona, ganhando o status de símbolos e personagens.

Te pergunto em silêncio: que lugar é esse que avança para fora de si?
E te digo: este lugar que te capturou me convida a ver de olhos fechados.

Trago algumas palavras de Eleonora Fabião¹ para pensar o que acontece *através e não apesar* deste tempo. Ao comentar sobre as fotografias de suas ações, ela afirma que as imagens produzidas seriam mais que a documentação/registro, e sim uma outra possibilidade de reverberação. Nas imagens de Fabião, o *trabalho segue trabalhando*, como ela diz. Será que nas fotos apresentadas nesta publicação, o que disparou o olhar e

¹ As referências de Eleonora Fabião incluídas neste parágrafo são citações de sua palestra “Coisas que precisam ser feitas”, apresentada online no III Encontro Arte, Cidade e Urbanidades/UFBA em 4/12/2020.

levou ao clique da câmera continua reverberando em alguma outra escala? As imagens levam outros olhares para passear?

Sabes que nestas excursões pela cidade em suspensão, aprendestes a escrever com imagens? Te leio: escrita cifrada. Leio: silêncio e outras paisagens.
Dia após dia, me trazes nas mãos as ruínas. Me convidas a sentir a amplidão dos lugares vazios. Um vazio tão inesperado. Me chamas a olhar de perto os seres que habitam, intimamente. Levastes meus olhos a passear. Estranho efeito este, o de atravessar a cidade de um modo impossível.

Para além de ruínas, quais presenças podemos encontrar nesse vazio? Plantas e árvores crescem nos telhados, algumas vezes criando novas arquiteturas e geografias. Fachadas-jardim. Estátuas, monumentos e árvores centenárias permanecem velando o espaço público. Vestígios contam de pessoas que estiveram por ali num momento anterior. Escritas da/na cidade.

A paisagem que te atravessa, nos teus tempos de bicicleta, parece dizer que ‘permanecer’ também é um movimento.

Os cliques que te capturam, e os bancos da praça que insistem em estar ao centro da foto, ecoam outros eventos que vieram e não de vir:

*Nas espirais do tempo,
tudo vai e tudo volta.
Tempo e espaço tornam-se, pois, imagens mutuamente
espelhadas.²*

A chegada da pandemia parou projetos, trabalhos, aulas e gerou uma sensação de vácuo, descrita por muitas pessoas como uma duradoura *pausa*. Mudou muito a percepção do tempo. Mais que um estado de congelamento, esse período se configurou num outro ritmo, dilatado, marcado pelo compasso de folhas e gravetos caídos que se acumulam aqui e ali, derramando copa de árvore no piso da praça. Como aponta o comentário atento do poeta Anderson Almeida³ ao ver uma das imagens do ensaio fotográfico que resultou neste livro: é um tempo que passa de forma lenta, à revelia do ser humano e de seu esforço para tentar apagar os marcadores de temporalidade. Não há ninguém ali para varrer o chão dessa ampulheta gigante.

Um contexto tão específico como o daquele período, estabelece uma relação de estranhamento com os locais mais cotidianos: o caminho até a farmácia pode te fazer sentir como um viajante caminhando por uma terra longínqua. A cidade, no contexto da pandemia, parecia de repente outra. A sensação de pisar em terras estrangeiras agora estava logo ali, depois da porta de casa. Em alguma proporção, colocar os pés na rua se parecia com fazer uma expedição por terras ao mesmo tempo desconhecidas e reconhecíveis.

² Martins, L. M. Performances do tempo espiralar. In: Graciela Ravetti; Márcia Arbex. (Org.). *Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002, v. 1.

³ Depoimento de Anderson Almeida em conversa com o Marcelo Terça-Nada. 19 dez. 2020.

Se nos sonhos tudo parece real, mas sabemos que é um sonho, as paisagens cotidianas aqui pareciam um sonho, mas eram reais.

Teu roteiro é feito de prismas, posso começar do meio do livro e não chegar ao fim. Posso achar um começo a cada vez que passo pelas imagens, e será sempre diferente. Este é o acontecimento: ter em mãos algo de onde sempre se pode começar. De novo. E de outras formas.

Quais cenas ou elementos podem servir para contar esse momento para o futuro?

2.

Para tentar reduzir a propagação da doença e o número de vítimas, muitas pessoas e governos locais adotaram a quarentena como medida. O espaço de deslocamento do corpo ficou circunscrito à casa, reduzindo as perspectivas. Sabemos que uma parcela considerável da população não teve direito nem condições de se quarentenar. Sabemos também que os impactos da pandemia no Brasil, em especial o número de vítimas, poderiam ter sido muito menores caso um trabalho sério e coordenado tivesse ocorrido desde o início. Este livro não ignora essas realidades e se solidariza com cada pessoa afetada direta ou indiretamente pela Covid-19.

Mesmo nos períodos mais duros e desafiadores, a arte é um território onde é possível viver respiros, manter o encantamento e nos fazer seguir adiante. O livro *Salvador em Suspensão* é fruto de um processo de investigação artística que se iniciou durante a pandemia. Devido às limitações da quarentena e ao raio de distância que se conseguia pedalar a cada dia, apenas parte da cidade foi abrangida.

Pensemos a paisagem (e o lugar) como *escrita cifrada e texto hieroglífico*⁴. Às camadas que se sobrepõem, compondo uma 'bricolagem' de histórias e existências no lugar, pode-se chamar palimpsesto⁵. E os lugares são *tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo*⁶. Histórias e gestos de outros tempos são justapostos *em uma colagem onde suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico*⁷. Olhar a cidade vazia de gente e cheia de outros seres e ver movimentos que acontecem parados, nas tuas fotos, me faz refletir sobre essas camadas de trânsitos. Me faz pensar, também, sobre como não perder este tempo suspenso (tão precioso) que ecoa na cidade vazia e que provoca tantas perguntas.

Experimentar as variações dos caminhos, mudar a direção e a velocidade do percurso, tentar descobrir onde essa ou aquela rua pode levar, transitar por vários bairros e partes da cidade, ver aspectos dos lugares que até então não tinham se apresentado para a gente, perceber as variações de um mesmo local. É interessante pensar que uma publicação se

⁴ Paz, Octavio. *O labirinto da solidão*. São Paulo: Cosac Naify, 2015 (p. 259).

⁵ pa.limp.ses.to - sm (gr palimpsestos) Papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro; atualmente pode-se decifrar o primitivo mediante a fotografia com raios ultravioleta. Fonte: Michaelis Dicionário de Português online, 2014.

⁶ Certeau, Michael de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Vozes, 1994. (p. 189)

⁷ Ibidem. (p. 189)

faz do encontro entre desejos e limitações. Como quem percorre as ruas de uma cidade, o processo de fazer um livro a partir de uma ideia ou de um ensaio fotográfico pode acontecer por diferentes caminhos. Tomando uma ou outra opção, todas as outras possibilidades permanecem abertas e latentes. Para outras incursões e desdobramentos.

Que livro quer ser escrito?

Que histórias este lugar conta?

Posso te lançar várias perguntas, mesmo sabendo que se as respostas vierem, virão ao seu modo, difusas, ao seu tempo. Perguntar talvez seja um modo de aproximação. Algumas perguntas guardam um "lugar de pergunta"; uma perspectiva e um modo de pensar o mundo em abertura. Assim, fazer perguntas, com uma curiosidade genuína, é também se colocar em diálogo e refletir sobre modos de ver.

Ao adotar a bicicleta como modo de deslocamento, escolhia os maiores caminhos possíveis para chegar ao mercado ou à feira, aproveitando para dar uma volta pela cidade e ver horizontes mais amplos.

A cada vez, buscava fazer uma rota diferente, estendida, o que possibilitou percorrer diferentes partes de Salvador e me deparar com imagens dessa cidade num momento histórico de exceção. Olhar a cidade e encontrar cenas dessa Salvador específica num tempo único. Imagens que nunca imaginaríamos, de repente estavam materializadas nesse vazio silencioso. Capturar parte dessas imagens e conviver com elas durante a quarentena, tentando decifrá-las.

Leio, com Wim Wenders, que *lugares desenvolvem histórias e as fazem acontecer. Não é verdade que as histórias acontecem de qualquer forma, e apenas precisam de 'locais' para 'acontecerem'. (...) A história não sobrevive se for transportada para outro lugar. Desmancha-se em pedaços.*⁸

É isso: existem histórias em construção, e elas são situadas. Somos parte dos seres que habitam os lugares e, assim, parte das histórias.

Leio ainda, com Wenders, que *the frame is the main act* e fazer fotografias é uma forma de entender o lugar, entrar no tempo local. *A fotografia pode ser uma 'cápsula do tempo', no sentido de que permite capturar um momento e transportá-lo para outro contexto.*⁹

Assim, quero te fazer mais perguntas, agora sobre o futuro e sobre o que foi capturado. Mas como perguntar ao futuro, a partir de um lugar que não seja nem do passado nem do presente, de modo que algo verdadeiramente inédito possa se desenhar com a liberdade do porvir?

⁸ Wim Wenders em entrevista por Marc-Christoph Wagner no Kunstforeningen Gammel Strand para o Louisiana Channel. Disponível em: <<https://youtu.be/XrCUFfM7wEQ>>. Acesso em: 8 agosto 2017.

⁹ Ibidem.

3.

quando saio, o que encontro?

quando volto, o que trago comigo?

Uma pessoa deslocada do habitual poderia, por causa desse deslocamento, ser capaz de perceber estéticas outras:

O hábito é antiestético, (de "Aisthethai" — perceber), porque impede que o mundo seja percebido. Anestesia. (...) Quando a cobertura do hábito é retirada violentamente (exílio), a gente descobre. Tudo passa a ser percebido e demonstrável = "monstroso". Os gregos chamavam tal descoberta pelo termo "a-letheia", o qual traduzimos por "verdade".

*O exilado foi empurrado rumo à verdade.*¹⁰

Eis uma situação contraditória que esse tempo nos trouxe: "exilamo-nos" em casa e, ao mesmo tempo, a cidade se revela como estrangeira. Flusser disse, em 1984, que podemos nos sentir exilados em nosso próprio país. Ele parecia se referir ao fato de que é necessário que nos recusemos a nos habituar às situações inabitáveis. Os exilados seriam, assim, aqueles que querem quebrar ciclos da sociedade, que querem ver e fazer ver além das condições que um contexto opressor pode impor.

¹⁰ Flusser, Vilém. *Exílio e criatividade* — Viagem brasileira, novembro 84. Disponível em: <www.flusserbrasil.com/art474.pdf>. Acesso em: 10 julho 2017 (p. 2).

Este teu livro, Marcelo, me faz pensar sobre o momento além da pandemia e além das quarentenas que se fazem necessárias. As imagens provocam deslocamentos. Me fazem pensar sobre situações com as quais não deveríamos nos habituar.

imagens: fico me perguntando o que estou procurando quando as faço elas me ensinam sobre as diferenças de luz de uma hora a outra, a cada momento do dia, nas variações dos dias, ao longo de meses... incidindo sobre a cidade,

revelando cidades diferentes

ao longo de uma quarentena que não acaba,

se transforma, nos transforma

As imagens correm e têm um ritmo. Talvez o da tua bicicleta e do teu olhar atento. Fui buscar Maria Gabriela Llansol para falar de ritmo porque é ela quem diz: *não foi o mar, mas o seu movimento, que nos foi dado em herança*¹¹.

Ela também diz que a gente vai se tornando naquilo que, selecionando, vemos: *Ver o que vejo é banalmente ver-me. Estou a olhar um banalíssimo rio. Este rio não tem nada de banal. Enquanto corre, eu, em texto, escrevo rio. Enquanto escrevo, corro à imagem dele*¹².

¹¹ Llansol, Maria Gabriela. *Da sebe ao ser*. Lisboa: Rolim, 1988 (p.206).

¹² Llansol, Maria Gabriela. *A restante vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001 (p. 122).

ver a cidade, rever a cidade
num momento específico,
encontrar instâncias de suspensão
algumas que já estavam lá, antes da pandemia
e por alguma razão ficam mais visíveis agora

o que faz com que apareçam?

a cidade em suspensão?

os percursos?

os silêncios?





Marcelo Terça-Nada

Artista e pesquisador. Atua nas relações entre o gráfico, a cidade, a fotografia, a escrita e a edição de livros. Faz parte do Poro com o qual realizou intervenções urbanas e impressos.

Alejandra Hernández Muñoz

Curadora, crítica de arte e arquitetura. Professora de História da Arte da EBA-UFBA. Coordenou o Colóquio de Fotografia da Bahia. Integrou a equipe de diversas mostras, festivais e bienais de arte.

Lucia Castello Branco

Autora de diversos livros nas áreas de Literatura e Psicanálise. Professora do PPGLitCult-UFBA e do PósLit-UFMG. Dirigiu documentários sobre Manoel de Barros e Maria Gabriela Llansol.

Washington Drummond

Escritor, pesquisador e historiador. Atua com os temas: teoria contemporânea, urbanismo e imagens reprodutíveis. Professor do Pós-Crítica/Uneb. Coordena o grupo de pesquisa Pós-Teoria.

Lia Krucken

Artista e pesquisadora com interesse nas migrações afrobrasileiras e deslocamentos na arte contemporânea. Professora visitante do PPGAV-UFBA. Integra o Intervalo Fórum de Arte.

salvador em suspensão **marcelo terça-nada**

fotografias **marcelo terça-nada**

identidade visual **tanto**

projeto gráfico, capa e editoração **rafa moo**

tratamento de imagem **lara perl**

edição **lara perl e rafa moo**

revisão **leo gonçalves**

produção **luisa hardman**

salvador, 2021

© direitos desta edição: editora gris

© direitos reservados aos autores dos textos e imagens.

@salvadoremsuspensao

www.emsuspensao.redezero.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Salvador em suspensão [livro eletrônico] / [Marcelo Terça-Nada...[et al.]]; fotografias Marcelo Terça-Nada]. -- Salvador, BA : Editora Gris, 2021. PDF

Outros autores: Alejandra Hernández Muñoz, Lucia Castello Branco, Washington Drummond, Lia Krucken
ISBN 978-65-990217-4-9

1. Arquitetura - Salvador (BA) - Fotografias
2. Salvador (BA) - Fotografias I. Terça-Nada, Marcelo.
II. Hernández Muñoz, Alejandra. III. Castello Branco, Lucia. IV. Drummond, Washington. V. Krucken, Lia.

21-60170

CDD-779.98142

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura : Salvador : Bahia : Fotografias 779.98142
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultural do Ministério do Turismo, Governo Federal.

APOIO FINANCEIRO



GRIS